

661.2. mais uma embirração 1 junho 2026

Acordei ainda muito constipado, após dormir mal como há muito não acontecia, agora anda tudo trocado, até isto. Creio que será a segunda constipação em quatro anos; costuma ocorrer mais cedo na transição entre os solstícios. Tomei Ilvico e dupliquei o chá quente. Há quinze dias que temos melhor tempo aqui na Lomba do que os desgraçados na bruma de PDL, mas de manhã voltou ao normal: sol em PDL, nevoeiro aqui. E agora, que faço com o **guarda-sol**? Aqui, guardado há 20 anos, sem uso. O Ministério do Ambiente criou um problema, com os guarda-sóis, ameaçando a tranquilidade dos que procuram os areais para descanso. É verdade que não há lei que impeça os banhistas de montarem tendas fora das zonas concessionadas, e há sempre lugar para abuso por parte dos concessionários, estendendo as zonas que lhes são reservadas para além dos limites aceitáveis, empurrando as famílias para as dunas ou para as rochas. Mas, salvo raras exceções, o ambiente era de harmonia no que toca aos guarda-sóis. Até que José Pimenta Machado, presidente da Agência Portuguesa do Ambiente, veio dizer que “a área concessionada está delimitada àquele retângulo e nunca poderá ultrapassar os 30% da área útil da praia e 50% da frente de mar. Tudo o resto é de uso livre”. Palavras reforçadas pela ministra do Ambiente. “As praias são públicas, sempre foram e continuam a ser”, confirmou Graça Carvalho. Resumindo, quem quiser instalar um guarda-sol em frente a um concessionário, pode fazê-lo. E está mesmo a ver-se o que vai acontecer.

Ganhei, recentemente, **mais uma embirração** e esta só a consigo reduzir indo, cada vez menos, a Ponta Delgada, embora, tal como o polvo, os seus tentáculos já cheguem à Ribeira Grande e a 2 ou 3 exemplares na calma Lomba da Maia. Ainda não sou de extremismos, embora a idade convide. É desesperante (não tenho epítetos suficientes no vocabulário). Se gostasse de armas, tinha os alvos predestinados. Pode mesmo ser a maior ameaça: as trotinetes elétricas. Tudo porque um inventor desocupado olhou para um brinquedo de crianças de sete anos e magicou. “E se lhe pusermos um motor elétrico, uma bateria chinesa e o mandarmos para o trânsito a 25 km/h, conduzido por alguém que bebeu três imperiais?” Todos disseram: “Força, que excelente plano”... A estrada, cenário dum desporto de alto risco! Existem, essencialmente, três tipos de condutores de trotinete, e todos me causam palpitações:

1. - *O Executivo Radical: de fato, gravata ao vento, pasta a tiracolo, cara de quem fecha a fusão de empresas e ultrapassa autocarro à direita. Não tem amor à vida, só ao PIB.*
2. - *O Turista Deslumbrado é o mais perigoso: conduz com uma mão e, com a outra, filma os Jerónimos. Não sabe onde fica o travão, o que é um ‘STOP’ nem em que país está.*
3. - *O Casal Romântico: Duas pessoas espremidas numa base que mal serve para dois pés, tamanho 38. Vão abraçados, a partilhar o mesmo centro de gravidade instável e a desafiar as leis da física de Newton. Se caírem, não é um acidente, é um divórcio instantâneo.*



Há o estacionamento. As trotinetes têm a capacidade mágica e inaudita de serem deixadas onde mais prejuízos causam, seja na passadeira, na entrada de garagens, ocupando o passeio ou o estacionamento de automóveis. Sempre que alguém chega ao destino, desliga o cérebro e deixa-a ali. Nunca tentei andar numa, nem na do filho João, sem motor mas atingia 25 km/h a descer a rua e ele tinha 8 anos. Por isso, se ouvirem um silvo elétrico atrás, não olhem: protejam a cabeça e rezem mesmo que não saibam a quem. PS: Andámos a estudar o código e a frequentar aulas para vermos gente no meio da estrada com zero noções sobre o perigo. As trotinetas elétricas são um perigo no trânsito e nos passeios. Já vi três fulanos ou fulanas numa trotinete, mas as partilhadas vão deixar de circular em Bruxelas (e já em Braga), no próximo ano. Em causa está o aumento do número de acidentes, as queixas de obstrução da via pública, a condução perigosa, o uso indevido por criminosos e o número de mortes. Em 2025, mais de 660 pessoas ficaram feridas em acidentes com trotinetas. Boris Dillière, ministro-presidente da região, disse à Euronews que é necessário organizar a cidade. No ano passado, ocorreram 25 tiroteios envolvendo trotinetas. A capital belga não é a primeira a avançar com um corte total no uso deste meio. Primeiro, Paris, em 2023; depois, Madrid, em 2024; e Praga, este ano. Em todas estas capitais, a justificação centrou-se nos problemas de segurança associados à circulação e no incumprimento das regras de estacionamento. Para quando, em Lisboa, Porto, Coimbra e PDL, os autarcas têm a coragem de seguir este bom exemplo? Afinal Braga seguiu o exemplo em julho 2026. **Artur Arêde:** “A narrativa não é minha mas até poderia ser, o sentimento é o mesmo.”

Há rapazes da minha idade sem tarelo nenhum, ou ainda acreditam na História da Carochinha. Felizmente, não tenho essas veleidades; a Nini morreu e não procuro quem a substitua para me aquecer os pés nas longas e húmidas noites açorianas. Pelo contrário, permaneço com ela em várias memórias e momentos recriados dia após dia, ano após ano. Há, porém, outros que já tinham idade para terem juízo, mas devem ter os espelhos quebrados e há muito que não se veem num. Claro que não me ponho a jeito nem tenho 150 mil € para falsas arquitetas se locupletarem; não deixo que outros paguem despesas, muito menos em encontros de cunho amoroso, que deixei de ter há três décadas. Uma mulher de 59 anos dizia-se arquiteta e pagava as despesas de todos os encontros com as vítimas. Envolveu-se com dois homens de Viana do Castelo e conseguiu ‘sacar’ 200 mil euros. Está em prisão preventiva. No primeiro encontro com Manuel de 74 anos, numa esplanada no Cais de Gaia, a mulher, de 59 anos, pediu um cálice de vinho do Porto por 21 €. Impressionado com a escolha cara, o homem questionou-a. “Sou mais rica do que tu”, respondeu. Um mês depois o casal partilhava casa, em Ponte de Lima. Na semana seguinte, a mulher desapareceu com 150 mil euros de Manuel. Nem pena tenho desses rapazes da minha idade. Nada se compara ao célebre caso de Anna Sorokin, mundialmente conhecida por fingir ser rica e enganar a elite, sob o pseudónimo de Anna Delvey. Passava por herdeira milionária alemã e conseguiu defraudar bancos, hotéis de luxo e amigos em Nova Iorque. Nascida na Rússia e criada na Alemanha, Sorokin mudou-se para Nova Iorque em 2013. Lá, criou a identidade fictícia de “Anna Delvey”, alegando possuir um fundo fiduciário de 60 € milhões. Com uma postura sofisticada e gastando dinheiro que não tinha, conseguiu infiltrar-se nos círculos mais exclusivos da alta sociedade. Hospedava-se em hotéis de cinco estrelas, jantava em restaurantes caros e frequentava festas de gala. Conseguiu obter empréstimos vultosos junto a bancos, apresentando documentos falsificados. Lesou hotéis, restaurantes e conhecidos (a amiga que pagou viagem de luxo a Marrocos). Em 2019,

foi condenada a pena de 4 a 12 anos por furto qualificado e por roubo de serviços. A história inspirou a minissérie da Netflix, “Inventando Ana” (Inventing Anna).

Um novo limbo? A ciência apresentou uma ideia, saída de um filme: talvez exista uma espécie de “terceira condição” entre estar vivo e estar morto. Investigadores observaram que, mesmo após a morte dum organismo, algumas células podem permanecer ativas por algum tempo. Em ambientes adequados, podem reorganizar-se, trabalhar juntas e formar pequenas estruturas vivas capazes de se mover. Em experiências com embriões de sapo já mortos, células da pele foram colocadas numa solução nutritiva. Em vez de permanecerem isoladas, começaram a agrupar-se por conta própria e deram origem aos chamados xenobots, pequenos organismos microscópicos com comportamento próprio. Essas estruturas não ficaram paradas, conseguiram locomover-se, reparar danos em si mesmas e até criar novas versões ao organizar outras células livres ao seu redor. Em testes semelhantes, células pulmonares humanas também formaram os chamados anthrobots, capazes de se mover e de auxiliar na recuperação de tecidos nervosos danificados. A descoberta pode mudar o futuro da medicina regenerativa, estruturas feitas com células do próprio paciente talvez possam ser utilizadas para levar remédios diretamente aos tumores. Pode auxiliar na regeneração de órgãos lesionados ou remover obstruções em vasos sanguíneos. Os biobots seriam produzidos a partir do próprio corpo da pessoa tratada. Por isso, a hipótese de rejeição pelo sistema imunológico seria muito menor. A pesquisa levanta uma pergunta poderosa: se células dum organismo morto ainda conseguem transformar-se em algo novo, onde exatamente termina a vida? *Fonte: Noble, P. A., & Pozhitkov, A. “Biobots arise from the cells of dead organisms – pushing the boundaries of life, death and medicine.”*